

# MOMENTO *feminino*



JUREMA FINAMOUR. NOSSA AMIGA JORNALISTA E DIRETORA DE «MULHER MAGAZINE»



## COISAS TRISTES

Quando começamos a sentir que pesamos de fato nas responsabilidades em face da vida e diante do mundo, devemos convir que substituímos a nossa atenção e passamos a cooperar nas deficiências que afetam profundamente a vida brasileira.

Ai estão os fatos a nos chamar para um trabalho mais direto nos problemas de nossa pátria.

Estamos assistindo acontecimentos que fazem estremecer a nossa sensibilidade feminina.

Temos diante de nossos olhos desde as catástrofes monstruosas como a de Deodoro, até os menores desajustes atingindo a vida econômica de nossos lares.

Catástrofe de Deodoro! Tantas famílias atingidas cruelmente, tantos lares esfacelados com desgraças fora de tempo, com causas desconhecidas ou não, mas que realmente deviam ser evitadas se a vigilância fosse uma realidade em nossa vida pública. Operárias e operários perderam suas vidas, lares poderiam ser arrastados e quantas outras consequências ainda poderiam sobrevir?

Por que?

Subotagem, crime ou descuido, tudo têm sempre o mesmo processo de culpa, que não é possível justificar.

Gostaríamos de perguntar:

1.º — Depósitos desse tipo devem estar funcionando em lugares residenciais?

2.º — Uma vigilância responsável poderia dar lugar a tal acontecimento? Serão depósitos desse tipo, próprios para serem locais de festas, com churrascos, visitas diversas como aconteceu?

3.º — Não é incrível que descuidos sejam possíveis pondo em jogo a vida de centenas de operários brasileiros?

Que sejam punidos os culpados, mas que não se forjem processos que venham atingir nossa honrabilidade de povo humano e civilizado.

Nós mulheres precisamos sentir que cooperamos, mesmo em nossos lares, na vida pública de nossa pátria.

Tomemos, sempre, amigos, uma posição de advertência e de luta, procurando organizar uma assistência às vítimas que estão lavrando o mais eloquente flagelo da irresponsabilidade pública.

# Grande movimento de famílias pela liberdade de seus parentes

### Mulheres de todas as condições sociais compareceram à Câmara Federal protestando contra as prisões

Segunda-feira última, cerca de 500 mulheres enchiam o "hall" da Câmara Federal, protestando contra a onda de prisões e violências praticadas nestes últimos dias. Pertenciam em sua maioria, à família de presos, que tinham sido arrancados de suas residências. A nossa reportagem esteve presente, ouvindo várias pessoas e inteirando-se dos acontecimentos, que estarreceram a opinião pública. De que seriam acusados os presos? Que determinara tanta arbitrariedade e violência? Como repetem-se as cenas da Alemanha hitlerista, se tínhamos sofrido e lutado numa guerra contra o nazismo? Eram as perguntas que andavam se cruzando. Mulheres estavam com entes mais queridos presos, sem notícias. As mães procuravam, aflitas saber do paradeiro dos filhos. Foi um espetáculo comovente de solidariedade humana, acêsa pelas fagulhas da luta por lares tranquilos e felizes.

#### HISTÓRIAS COMOVENTES

A história da garotinha, por exemplo, que ficava chamando aflita, pelo pai, logo que ouvia, ao fim da tarde o apito da fábrica.

"Onde está, meu paisinho, que não vem?" Uma mulher tem seis filhos e o marido foi preso no trabalho. O dinheiro está terminado. Como irá alimentar as crianças? Uma mãe que procurava, desesperada, notícias do filho. CONVERSA COM OS DEPUTADOS

A Comissão, que não pode ser chamada, propriamente, de Comissão, mas de multidão, ionversou com os deputados Rui Almeida, Grugel do Amaral, Romeu Fari e Nelson Carneiro. As perguntas sucederam-se: "Ecia, como defenderemos nossos lares? Para quem apelamos se são os próprios responsáveis pela ordem pública, que estão varejando as casas, fazendo prisões sem motivos, ameaçando, desrespeitando?" E os deputados prometiam fazer protestos.

#### UM PROTESTO

Pelo Deputado Nelson Carneiro, as mulheres foram convidadas a ouvir, das galerias, o protesto feito pelo deputado Grugel do Amaral, que denunciou, em termos enérgicos, a situação aflitiva da família carioca.

#### O LÍDER DA MAIORIA NÃO ATENDEU

Apesar de insistentemente

chamado, o líder da maioria recusou-se a ouvir o protesto das mulheres.

#### DIVERSAS MULHERES ENCERRADAS EM CUBICULOS

Foi feito em protesto veemente, por parte de todas as mulheres, contra a prisão da vereadora Odila Schmidt, da menor Nadia, das sras. Fanny Tablack e Rosa Bittencourt, encerradas em um cubículo, sem saberem, ao menos, de que as acusavam.

#### UM ASSALTO

Pouco antes da demonstração de solidariedade e protesto na Câmara, em pleno dia, numa das ruas mais movimentadas da cidade uma nossa redatora, teve seus documentos de identidade violentamente arrancados de dentro da bolsa, como se estivéssemos vivendo uma história do oeste americano. E, engraçado, foi bem perto da A. B. I.

#### VISITA AOS JORNAIS

Depois do protesto apresentado à Câmara, um grande número de mulheres dirigiu-se à redação de diversos jornais, pedindo que a imprensa fizesse, também, os protestos cabíveis, num momento angustioso de atentado às liberdades públicas e aos direitos do homem.

# A MULHER NOS 5 CONTINENTES

## ESTADOS UNIDOS

"As mulheres são perigosas". Sob esse título irônico o Congresso das Mulheres Americanas organizou um comício em Nova York. Falaram varias oradoras demonstrando que as mulheres de Norte América têm importante papel na luta das forças democráticas contra a reação.

Em 8 de março de 1948 as mulheres americanas organizaram-se pela primeira vez a fim de obter o direito de voto e a igualdade de salário. Em 8 de março de 1948 elas estão na luta contra o serviço militar obrigatório; contra os instigadores de guerras, contra a alta do sprêços; contra as discriminações raciais em defesa das liberdades cívicas, da paz e da segurança.

Comícios idênticos realizaram-se em Boston, Filadélfia, Chicago e S. Francisco.

—x—

O Congresso das Mulheres Americanas tomou, entre ou-

tras resoluções, as seguintes para a campanha eleitoral de 1948: "Defender o princípio da unidade das Nações Unidas; Destruição dos stocks existentes de bombas atômicas e a paralização de sua fabricação; Oposição a todo programa de política estrangeira que intervenha na vida e nos negócios de outras nações; Auxílio a aqueles que dele necessitam, homens, mulheres e crianças do mundo inteiro na base de uma ação não política; Medidas contra a alta vertiginosa dos preços nos Estados Unidos e aplicação de uma verdadeira legislação de controle.

Dizem elas: "Pedimos às mulheres americanas que reflitam nas consequências do serviço militar obrigatório que significa, para nossa juventude, um treinamento contínuo na arte guerreira, muito mais que uma educa-

ção preparando cidadãos para uma sociedade pacífica e democrática".

## CHINA

Sete mil operárias de uma usina têxtil levantaram-se em defesa de certas reivindicações. Não obtendo resposta decidiram fazer greve, sem deixar o local do trabalho. As autoridades do Koumitang jogaram contra elas a polícia e o exército que empregaram bombas lacrimogêneas de fabricação americana. Morreram três operárias e foram presas 199.

## INGLATERRA

"O problema primordial para as mulheres inglesas, atualmente, é o elevado custo da vida e grandes campanhas estão sendo realizadas por várias organizações,

Entre outras manifestações foi representado um "sketch" cujo enredo é o processo de Mary Brown, a dona de casa acusada de delapidar o dinheiro das compras... Organizado pelo "Parlamento das Mulheres de Londres" esse "sketch" teve muito sucesso e foi o precursor de oito outros processos similares montados no

## TCHECOSLOVÁQUIA

As representantes progressistas do movimento feminino e as representantes de todos os partidos políticos e organizações nacionais decidiram reunir-se num Comitê de ação do Conselho de Mulheres Tchecoslováquias e da Frente Nacional de Mulheres.

Esse Comitê de ação julga que será possível reunir, através de um trabalho reto e desinteressado, a luta de todas as mulheres que desejam para sua pátria a verdadeira democracia.

## RUMANIA

Realizou-se em 14 de fevereiro p.p. o Congresso da União das Mulheres Democratas da România a fim de unificar numa só as organizações democratas de mulheres. Diz assim a resolução do Congresso. "A constituição da União das Mulheres Democratas da România dará importante contribuição para a defesa da paz e para a consolidação da democracia popular em nosso país".

# CLARINA, A QUE MORREU

JOEL SILVEIRA



Quem levava os meus bilhetes era o pretinho Argemiro, pequeno e magro, empregado na padaria "Estrêla Accesa", que ficava na esquina do outro lado, bem defronte da minha casa. Era êle também que voltava dali a dois minutos com a resposta de Clarina: me estendia um papelzinho dobrado, minúsculo, boiando na palma da mão aberta, com insinuações espertas:

— O senhor brigou com ela?  
— Brigar? Não.  
— Nem uma brigazinha tola, uma brigazinha de nada?  
— Que eu saiba não. Por que?

— Dona Clarina me recebeu com uma cara tão feia...

Eu abria o bilhete, nervoso, o coração aos pulos. Clarina, de fato, não estava nos seus bons dias. Fazia reclamações (eu não avisara que iria ao cinema) e era, às vezes, perversa: "Como vamos de amores com Leticia? Estáva ontem tão caído para ela..."

O meu primeiro ímpeto era o de rabiscar uma porção de desaforos, mandar pelo Argemiro, acabar com aquilo de uma vez. Esta era a vontade do coração. Mas a do cérebro, comedida e pacifista, acabava vencendo: lá se iam desculpas, carinhos, confissões, promessas.

De tarde Argemiro voltava, dentes abertos alumiando

ao sol agonizante, todo um sorriso franco, feliz como se a felicidade minha e de Clarina fôsse sua também:

— Agora está melhorzinha. Chegou a me dar um níquel! Também stava tão linda... Um vestido cheio de flores, flores grandes. Não sei não, mas parece que é vestido novo.

— Vermelho?  
— Todo branco. As flores é que eram vermelhas.

— Umas flores grandes, bem grandes?

— Bem grandes.

— Não é vestido novo, não. Já tem... Deixe ver. E' Já tem dois meses. Foi o que ela fêz para a inauguração da ponte.

Que eu amava Clarina, era fato indiscutível. Amava-a. Que atestem as estrêlas acordadas que foram cúmplices e testemunhas dos meus primeiros e esquecidos poemas. Que diga o eucalipto comprido, retalho de paisagem no quadro invariável e bucólico que a janela do meu quarto emoldurava. Que diga Argemiro, Argemiro que sentiu minhas tristezas, minhas alegrias, minhas aflições, meus desejos impossíveis — Argemiro que foi um pedaço daquele mundo, pequeno sem limites. Dias morriam, morriam tardes, nasciam e morriam as noites. Várias luas brilharam no céu, milhares de estrêlas. O "flamboyant", que na primavera ensanguentava o verde das copas frondosas floriu não sei quantas vezes. Mas era como se tudo houvesse parado ao meu redor.

Clarina era a síntese dos dias, das tardes e das noites. Só ela me parecia viva: cantava, sorria, entristecia, falava. Diante dos meus olhos o mundo havia tanto se estreitado que se resumira naquela figurinha leve, airosa, loira e branca, de voz muito branda e olhos muito claros. Por mais que eu estendesse a vista, outro horizonte não aparecia senão aquele: Clarina era aurora e ocaso, começo e fim.

Não sei se o leitor já se

viu alguma vez envolvido e desnorçado — direi desnorçado — por emoção semelhante. Pócos são os espiritos que ainda acreditam no céu azul e se alegam com o nascer de uma flor ou do sol. Eu mesmo não sei (tão longe vai o tempo da existência daquele mundo!) se ainda sentirei, eu proprio, a alegria desses momentos puros e virgens. Não que o céu houvesse deixado de ser azul ou o sol e as flores houvessem morrido de uma vez. O firmamento e mais limpo do que nunca e as petala sandam a rellorir por todos os bosques e canteiros do mundo. Eu é que mudei. Alguma coisa dentro de mim é que murchoa.

Foi ainda Argemiro quem, numa tarde de chuva rala, me trouxe, na sua fala atropelada e meia confusa, o início do fim:

— Não vi dona Clarina.

— Não vai?

— Não. Mas a empregada me disse que ela está t.m doente. Com muita febre. O médico passou o dia lá.

— Deixou o bilhete?

— Deixei. Pedi a empregada para entregar. Ela gosta de mim, somos conhecidos velhos.

O bilhete não teve resposta. E no outro dia Argemiro veio sem o riso e com uma notícia má:

— Dona Clarina piorou. Vão mandar ela pra fora.

Foi uma noite triste, noite sem estrêlas, sem lu noite de sombras paradas e de piano ao longe, noite pesada e morta. Nada me disseram os quatro ou cinco livros que folheei, nem os poemas que reli, nada me disse o céu opaco e plumbeo. As horas passaram lentas, angustiosamente lentas, e o relógio da matriz era cruel em marcá-las, numa exatidão inexorável. Aos meus ouvidos chorava a voz de Argemiro: "Dona Clarina piorou... Dona Clarina piorou..."

Levaram-na para Itabaiana,

muito doente, num automóvel cheio de almofadas. Não a vi mais. Mas Argemiro, que fôra avisado na vespera pela empregada, se prostara na esquadra e virá tudo: Dona Mineira chorava, chorava o irmão mais moço, choravam as tias velhas. O cachorrinho — Miosotis — gania desesperado, enroscando-se pelas pernas de um e de outro. E até a preta sexagenária que morava na casa, tinha os olhos encharcados de lágrimas.

Foi ainda Argemiro que me trouxe a notícia:

— Eu não queria dizer.

Emília é que me obrigou.

— Piorou?

— Piorou muito, vinha sempre piorando. Quando foi ontem morreu.

— Morreu?!  
— Morreu, enterrou-se lá mesmo. Deixou isto.

Estendeu-me um lenço alvo, muito pequeno, um minúsculo lenço que tinha minhas iniciais bordadas em uma das pontas. Clarina gostava de usá-lo quando vestia a farda da Escola Normal, deixando-o pender para fora do bolso que o seio esquerdo arebitava.

— Quem trouxe foi Emília. Disse que ela morreu rindo, nem parecia que estava morrendo. Mandou ela tirar o lenço de debaixo do travesseiro, pedindo: "Entregue a êle". Foi de tarde. De noite morreu.

Guardei o lenço. As lágrimas, que há meses se acumulavam por detrás das pupilas, saltaram espontaneamente e livres.

Há dois anos que Clarina morreu. Aqui estou, cabeça apoiada nas mãos, livros esparsos na mesa, cigarro equilibrado nos lábios mortos. Aqui estou eu a olhar a noite que vai lá fóra, a contar e recontar as estrêlas, numa tentativa inútil de descobrir qualquer coisa nova e inédita no céu invariável, no céu eterno. Passa o vento, dormem as árvores, alguém canta muito longe. Muitas noites já passaram, noites de

cinza ou de prata. Vários ventos raivosos assoviaram nas persianas ou, mansos, acariciaram a minha face e as lombadas dos livros. E esta canção que ouço agora — bem o sinto! — é a mesma canção de outras noites, entristecida pela mesma voz conhecida.

Há dois anos que Clarina morreu. O mundo, para mim, já não é aquele mundo estreito, aquele mundo que a figurinha leve enchia como uma pérola numa ostra. Caíram as fro. eiras. O mundo de agora é infinito. Infinito como as estrêlas e como as sombras.

Este vento furioso que passa num redemoinho ou esta brisa leve que se arrasta preguiçosa, já não me trazem pensamentos bons, já não são os mesmos confidentes amigos de tempos atrás. Vem com êles a tristeza. A tristeza vem com o vento, vem com as vozes confusas, vem no latido do cão, vem no brilho da lua. E' certo que eu poderia fechar a janela: não aguardo a chegada de nenhum corvo. Mas que seriam de meus pobres livros, que seria do pequeno e sujo espelho pregado na parede, que seria da modesta e afanosa aranha que há dias vem tecendo sua teia na bandeira da porta? Não. Que a noite entre! Que venha o vento! A brisa brincará com as folhas soltas em cima da mesa e assoviará, nas frinchas, a sua estranha canção. E a luz fará a teia de aranha brilhar como se fôsse tecida com fios de ouro.

Há dois anos que Clarina morreu... Todos êles, os que vivem comigo, sabem que Clarina morreu, todos estão certos e convictos que Clarina morreu. Só eu é que procuro descobrir uma lembrança sua dentro da noite. E' bem possível que Clarina ainda esteja viva. Ainda a verei num rastro de estrêla. E, quando voltar a chuva, os pingos que caírem no anteparo de zinco ressuscitarão a sua voz cristalina e amiga.

# ZÉZÉ E A EXPLOSÃO DE DEODORO



Zezé impressionou-se tremendamente com o desastre de Deodoro. Tantas famílias sem teto, tantas mulheres sofrendo.



Zezé contou na praia às amigas. Todas elas haviam sabido pelo rádio, pelos jornais e resolveram ajudar as famílias desamparadas pela explosão.

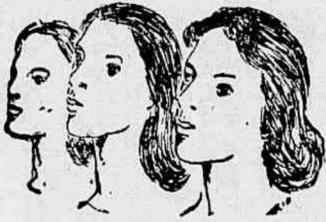


Zezé foi aos morros para que também as mulheres das favelas ajudassem aquelas que ficaram de um dia para outro sem lar.



Na União Feminina de seu bairro, Zezé discutiu a melhor maneira de promover o auxílio para que todas as forças sejam unificadas na ajuda às vítimas da explosão de Deodoro.

# Semana das Associações Femininas



## EXPOSIÇÃO CONTRA A CARESTIA

A sede do Instituto Feminino de Serviço Construtivo foi muito procurada nesta última semana, pois as organizações femininas estão todas empenhadas nos trabalhos para a exposição contra a carestia que deverá realizar-se no dia 28 de abril, sob a iniciativa do Instituto.

Assim foi que, em sua última reunião semanal, dos bairros mais distantes mulheres se fizeram representar: desde Jacarepaguá até o Leme.

Como trabalho preparató-

rio para a exposição, diversas associações ficaram de realizar palestras esclarecedoras sobre os problemas do pão, da carne, do leite, etc. onde serão demonstrados com dados e estatísticas os constantes e assustadores aumentos nos preços do gênero e das utilidades.

Os "stands" em organização vão abordar o problema da habitação, do transporte, dos remédios, do carvão, da carne, do leite, do pão, da farinha, do feijão, do arroz, dos tecidos e dos demais, que tanto preocupam hoje a dona de casa e a todas as famílias cariocas.

Esperamos que esta interessante iniciativa seja compensada com êxito e que toda a população carioca acorra ao local da exposição para ver de perto como trabalham as mulheres contra a carestia e

pelo bem estar de suas famílias.

## «AS MULHERES NÃO QUEREM PELANCAS»

Uma interessante iniciativa foi a da União Feminina da Gávea, que em virtude das constantes reclamações das donas de casa sobre o problema da carne, resolveu fazer um prospecto que foi distribuído nas filas dos açougues. Assim diz o mesmo:

"Dona de Casa".

O Prefeito resolveu acabar com o racionamento da carne, mas o que vemos? Filas desde a madrugada para comprar um mau pedaço de carne a um preço elevadíssimo!

Cr\$ 7,20 para um quilo de carne é um absurdo e já se cogita um novo aumento. Onde vamos parar?

Por que os açougueiros vendem a carne de segunda e de terceira pelo preço da de primeira? Só para mandar a carne melhor a quem pode pagar mais...

As mulheres não querem "pelancas" para que os gran-

finos sejam privilegiados. As mulheres querem carne boa, a Cr\$ 6,00 sem osso e sem racionamento.

Os açougueiros não podem guardar a carne boa nas geladeiras, enquanto nós ficamos nas filas horas e horas, desde a madrugada.

Dona de Casa:

Unâmonos contra a carestia! Lutemos por carne mais barata e melhor para nossas famílias e nossos filhos!

Somente organizadas poderemos melhorar a situação de miséria em que nos encontramos!

Ingressem na União Feminina da Gávea e Jardim Botânico para lutar contra a carestia, ajudando assim o seu marido.

A União Feminina da Gávea e Jardim Botânico reúne todas as quintas-feiras, 20 horas, à rua Marquês de São Vicente, 36 — casa 2".



Um dos fatos da semana que mais indignou as mulheres e as organizações femininas foi a prisão arbitrária e inconstitucional de 8 associadas das Uniãoes Femininas de Botafogo e Flamengo, que, trabalhando em prosseguimento á campanha contra a carestia, em sua sede, á Rua Marquez de Abrantes, 144, no dia 15 de abril, receberam voz de prisão.

Mais revoltadas ainda ficaram com a notícia de certos jornais, como o "Correio da Manhã" que em sua edição de 16 de abril, assim se expressou:

## "PRESAS DISTRIBUINDO PROSPECTOS

Concomitantemente com a tremenda explosão em Deodoro, várias mulheres distribuíam prospectos comunistas nas ruas Senador Vergueiro e Marquez de Abrantes com o fito de distrair a atenção da polícia.

Presas, foram conduzidas á D.P.S. sendo ali identificadas como consta de informações. Dadas pelas autoridades daquele setor.

Seus nomes são os seguintes: Araci Selgaci de Sá, Nair Coelho Couto, Aurora Fernandes, Nair Cunha, Yeda Lourenço Gomes Wanda Maria Silva e Mary Emilie Fumeneli."

Para esclarecer a opinião pública, as Uniãoes Femininas acima citadas, vieram á nossa reda-

# Prendem mães de família, mais não prendem os reis do câmbio negro

ção e solicitaram que publicássemos os prospectos confeccionados pelas mesmas para o combate á carestia de vida que se agrava cada vez mais e que abaixo transcrevemos:

## AS DONAS DE CASA, AS ORGANIZAÇÕES FEMININAS, AS FAMILIAS DO DISTRITO FEDERAL!

As Uniãoes Femininas do Flamengo, Catete e Glória, Laranjeiras e Águas Ferreas e Botafogo, promotoras da Grande Campanha Contra a Carestia, cuja primeira fase terminou no dia 8 de março com uma grande concentração de mulheres na Câmara Municipal — conclamam, novamente, as donas de casa, as organizações femininas e as famílias do Distrito Federal, afim de tomarem parte na segunda fase da Campanha.

Terminou a primeira etapa com o protesto de centenas de mulheres, no saguão do Legislativo da Cidade, contra a alta alarmante do custo de vida, ao mesmo tempo, que era exigida uma solução para os problemas fundamentais do pão e da carne.

Mais vigorosamente, continuarão a lutar, na segunda etapa de sua luta patriótica, as mulheres organizadas e unidas contra a carestia e o mercado negro, luta esta que culminará com uma Exposição contra a carestia a realizar-se em fins de abril.

Dê a sua adesão, diga o seu pensamento, apresente a sua denúncia, senhora dona de casa, comunicando-se com a secretária da Campanha que funciona diariamente, das 20 às 22 horas, á rua Marquês de Abrantes, 144 (Tel. 25-2530).

Rio, 5 de abril de 1948.

União Feminina de Flamengo, Catete e Glória!

União Feminina de Laranjeiras e Águas Ferreas!

União Feminina de Botafogo!

"Será que esse prospecto tem alguma coisa que vê com a explosão de Deodoro e com o comunismo?" Foi o que nos perguntou a numerosa comissão que compareceu á nossa redação. A mesma pergunta fazemos nós aos nossos leitores.

Outra pergunta que nos fizeram foi a seguinte: "Por que a polícia prende senhores honestos, donas de casa, mães de família e não prende os especuladores, os reis do câmbio negro e os homens que aumentam os preços?"

A mesma comissão que esteve em nosso jornal, foi igualmente a todos os jornais para fazer o mesmo protesto e á tarde, na Câmara Municipal, apresentaram o

seguinte requerimento aos srs. Vereadores:

"Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal.

Requeremos á Mesa, que ouvida a Casa, officie ao Sr. Chefe de Polícia desta Capital, solicitando as seguintes informações e providências:

I — Se o sr. Chefe de Polícia ordenou a investigadores e guardas da Polícia Especial efetuassem, como efetuaram, ontem ás 21 horas, na sede das Uniãoes Femininas de Botafogo e Flamengo, a prisão de senhoras, associadas dessa instituição;

II — Se, determinada a medida, que motivos orientaram para tal fim;

III — Se as senhoras presas foram fichadas na Polícia e qual o critério do fichamento;

IV — Que seja enviado á esta Casa um exemplar dos volantes contra a carestia, apreendidos pelos policiais, na sede das Uniãoes Femininas, a ser confrontado com o anexo.

Sala das Sessões, 16 de abril de 1948.

## JUSTIFICAÇÃO

Ontem, ás 21 horas, senhoras da sociedade carioca e sócios das Uniãoes Femininas de Botafogo e Flamengo, foram vítimas de brutal agressão de agentes, da Polícia desta capital, dizendo-se os mesmos autorizados pelo Chefe de Polícia. Encontravam-se todas, na sede de suas Uniãoes, á rua Marquez de Abrantes, 144, trabalhando em prosseguimento a campanha contra a carestia. Eram respeitáveis se-

nhoras, donas de casa, mães de família, algumas com seus filhos menores presentes. Surpreendidas pela invasão de guardas da Polícia Especial e investigadores, armados de casaca e pistolas, as senhoras foram grosseiramente tratadas, recebendo dos mesmos voz de prisão. Não satisfeitos com o absurdo da medida, apesar dos protestos das senhoras, os policiais arrombaram as estantes e apreenderam o material de propaganda das Uniãoes. As senhoras, na Polícia foram submetidas a fichamento, sem saber o caráter do mesmo, sendo postas em liberdade somente cerca das 2 horas da manhã e por essa ocorrência, acusadas pela imprensa por suspeição de participação no incêndio ocorrido ontem em Deodoro e como incitadores de greve.

Esses fatos constituem mais um dos muitos absurdos policiais que se repetem quasi diariamente nesta capital, numa demonstração de desrespeito ás leis e á ordem constitucional".

Fatos desta natureza servem para alertar a todas as mulheres brasileiras a necessidade que têm de cada vez mais se unir para lutar agora, não só contra a carestia de vida, como também em defesa das elementares liberdades que um cidadão deve ter direito.

Servem também para mostrar que quando um fato destes ocorre, todas as mulheres e todas as organizações femininas devem se mobilizar imediatamente em solidariedade, como foi feito no caso em questão, em que, desde cedo, pela manhã, quando as diversas organizações femininas souberam do ocorrido com suas amigas, deixaram todos os seus afazeres domésticos para irem aos jornais protestar.

## CLÍNICAS DE SENHORAS E CRIANÇAS

Pediatra — Dra. IRENE CID SCHENBERG  
2as., 4as. e 6as.-feiras — Das 15 às 18 horas  
Ginecologista — DR. VASCONCELOS CID  
3as. — 5as. e Sábados — Das 16 às 18 horas  
RUA MÉXICO, 21 — 19.º AND. — SALA, 1901  
TELEFONE: 32-7799



## A MARCHA DA

# Carestia

— Como vai a carestia em seu bairro? Quais os gêneros mais necessários e que não aparecem? A farinha? Não, já sabemos: está em dia o problema da carne.

Perguntas que já são respostas, porque tôdas donas de casa sentem em sua casa os problemas angustiantes.

Resolvemos dar uma volta pelas filas do Catele. Vimos empregadas, donas de casa, muita gente reclamando nos mercados e nas feiras, muita gente sem poder comprar o que necessita porque o dinheiro não chega.

Disse-nos uma senhora bem vestida:



## Você deve trabalhar

NICE FIGUEIREDO

Se existe ainda alguma dúvida sobre a importância do trabalho na emancipação da mulher, em geral, podemos apresentar mais um exemplo tirado da própria lei civil que enumera a mulher casada como relativamente incapaz.

Essa mesma lei que assegura superioridade do homem no casamento ao se referir à mulher casada que exerce uma profissão lucrativa afirma que esta mulher terá o direito, qualquer que seja o regime de bens no casamento, de dispor livremente do produto do seu trabalho e praticar todos os atos que visam defender e aplicar os lucros que obtiver com eles.

Se você trabalha, leitora, você pode administrar os bens adquiridos com o produto do seu trabalho embora a administração em geral sejam atribuídos a seu marido; você pode dar, vender, trocar, emprestar o dinheiro e as coisas que você comprou com o fruto de seu trabalho, sem precisar da autorização de seu marido, salvo se você quiser vender um imóvel, pois, neste caso, nem seu marido pode vendê-lo sem a sua autorização; você pode comparecer ante os tribunais e defender todos os direitos adquiridos pelo seu trabalho independente da vontade de seu marido.

Tanto faz que você seja uma operária ou uma engenheira, professora ou comerciante; o trabalho iguala o seu direito e coloca você no nível de igualdade de direitos com os homens.

Se você for rica e casada pelo regime da comunhão de bens, você não terá esses direitos, eles só lhe são assegurados pelo trabalho.

### POR QUE?

Porque o exercício de uma profissão é um atestado de capacidade que a lei não pode desprezar; porque o que valoriza uma pessoa moral e civilmente, seja homem ou mulher, é a contribuição dada por ela ao grupo em que vive, seja à família ou à sociedade; enfim porque a independência econômica garante a independência moral e assegura a igualdade civil.

Quem, pois, quiser obtê-las tem de assumir a responsabilidade de um trabalho qualquer.

— As filas foram feitas para facilitar. Quem chega primeiro precisa ser despachada na frente. Isso, porém, nunca acontece. Estou aqui no açougue vendo gente que sai logo e não consigo a minha carne.

— Qual o seu peso, perguntamos.

— Ah! o meu peso não há nunca. Venho cedo, porque as crianças precisam comer bife, mas a carne que levo é ruim mesmo para o ensopado.

Uma vizinha entrou na conversa:

— Já estou cansada de tudo. Perdi a paciência até para reclamar.

— Pois eu, não, disse outra: quero reclamar enquanto tiver forças. Isso é um absurdo. Assim, vamos muito mal.

Positivamente, o açougue não sugere nada. As empregadas fazem cara de raiva e as donas de casa sofrem em pessoa o desespero dos nossos desarranjos administrativos.

Uma disse logo:

— Qual, não há remédio, vamos ver em que param as modas... quando os poderes públicos vão assumir as responsabilidades ou acordar para atender ao povo, deixando de lado as intrincadas manobras políticas.

Achamos melhor rumar para o mercado. Uma senhora jovem dizia para outras:

— É o cúmulo o preço do azeite, não vejo nada que justifique, outra logo revideou:

— Azeite? Nem fale nisso, que tal o preço do feijão? 6,80 e olhe lá!

— Teremos arroz? era outra intervindo.

— Isso é um desespero!

— Porque tudo isso? Que querem? Porque não querem?



Estávamos sem palavras e resolvemos procurar um símbolo que fica nesta página. O retrato do Câmbio Negro

— dos tubarões — que estão em toda parte.

As mulheres dizem bem. — Para quem apelar?

# 1.000 Assinaturas



### AMIGA:

Vamos lançar uma campanha para conquistar mil assinantes para MOMENTO FEMININO.

Venha trabalhar conosco. Naturalmente você está pensando que precisa angariar mil assinantes para receber um prêmio. Não. Não é assim o nosso concurso. Queremos que um grande número de amigas tome parte nessa competição. Quanto maior for o nosso número de concorrentes, mais facilmente o prêmio poderá ser conquistado. Assim, se 500 pessoas trabalharem, uma dessas pessoas poderá vencer levando o prêmio com um número insignificante de assinantes. A nossa exigência é que a cota seja coberta até 31 de julho. tenha mais mil assinantes na data fixada.

Veja bem: você não tem que arranjar mil assinaturas sozinha. Não. Precisa, isso sim, ser a primeira entre as concorrentes, quando o concurso atingir mil assinantes.

Compreendeu?

A vencedora, está claro, que ganhara um presente bonito.

— Escreva um bilhete assim para a nossa redação:

### ASSINE

## MOMENTO FEMININO

3 MESES . . . . . CR\$ 12,00  
6 MESES . . . . . CR\$ 22,00  
12 MESES . . . . . CR\$ 40,00

Pedidos para a Gerente

**Luiza Regis Braz**

Caixa Postal, 2013

RIO DE JANEIRO.

### Pedimos notícias

Pedimos notícias a tôdas as organizações femininas do Distrito Federal sobre as suas atividades, a fim de publicar nesta página. Cada Associação poderia tirar a correspondente para nosso jornal. Que acham da idéia? Esperamos resposta.

### SRA. GERENTE

Pego uma assinatura de MOMENTO

FEMININO para (nome) .....

.....

..... (enderêço) .....

.....

..... (cidade) .....

.....

..... (Estado) .....

.....

Meu nome .....

.....

Enderêço .....

.....

Assinatura .....

.....

Incluso, Cr\$ 12,00, Cr\$ 22,00 ou Cr\$ 40,00 .

# ELEGANTES MODELOS



*Tradora*

*Beleza*



Para sua beleza, amiga, não esqueça as necessidades básicas das quais não se pode fugir de nenhum modo. Vejamos;

1

**SUA PERSONALIDADE MORAL** — Não basta à beleza apenas uma personalidade física. Hoje em dia a vida exige muito mais das criaturas. Não se deixe abater pelos aborrecimentos, pela falta de gêneros, de transportes, de dinheiro. Ande com a cabeça alta, não faça rugas em sua fronte, ande com um passo firme e vá lutar pela melhoria de sua vida. Entre para o trabalho se você trabalha, entre para a União Feminina do seu bairro, vá lutar contra a carestia, a miséria e esse triste estado de coisas. Mas não fique chorando pelos cantos, nem fique em casa se lamuriando e criando rugas. O melhor segredo para sua beleza é você ser útil a alguma coisa. Seja útil lutando por uma vida melhor.

2

**SUA PERSONALIDADE FISICA** — Ao lado dessa moral que impedirá a sua velhice precoce, trate de seu físico. Tenha sempre a preocupação de estar limpa, agradável à vista com um bom aspecto desde manhã à noite. Para isso não é preciso nem muito dinheiro nem muito tempo. Apenas um pouco de cuidado. Não se pinte exageradamente. Não esteja a todo momento retocando sua pintura nem tenha um ar bonica que é tão desagradável. Limpe sua pele (você está

acompanhando nossas lições? em outro número tratamos disso). Escove seus cabelos, veja se seus olhos estão bons ou doentes. Se você não tem tempo para penteados ou se eles não vão com o seu tipo, corte os cabelos curtos pois que assim você terá sempre um ar asseado e elegante. Cuide de sua ginástica. Não se deixe engordar e mantenha firme seus ombros, sua cintura, a linha dos seios. Isso só é possível com a ginástica. Se você é preguiçosa eis uma boa maneira de melhorar ou curar sua preguiça: faça ginástica. Ande de cabeça erguida. Cuidado para não arranjar essa corcundinha que tanto enfeia a mulher.

Saiba escolher seus vestidos de acordo com o seu tipo. Se você tem pouco dinheiro evite os vestidos de cores vivas. Eles ficam logo "marcados". Para quem tem pouco dinheiro o melhor são os vestidos escuros: preto, marinho, marron, cinzento, que podem ser usados a qualquer hora e em todas as circunstâncias. Quando você comprar sapatos ou bolsas, não esqueça de fazer de acordo com a harmonia das roupas que você tem. Um sapato preto, por exemplo, e uma bolsa da mesma cor, dá com qualquer roupa. Faça o possível para ter dois pares de sapatos: um para o trabalho, de salto baixo ou Anabela, ou de salto alto, para festas ou lugares que você frequenta.

E agora um último conselho: não procure imitar os outros, não fique copiando artistas de cinema ou "mulheres fatais". Seja você mesmo. Faça uma personalidade, crie, cultive sua personalidade. E assim você será bela.

Novas linhas da moda. Os casacos são curtos e cintados, as saias longas e amplas. O veludo se anuncia já como soberano neste inverno que vem chegando. O casaquinho do centro é em veludo escuro, abotoado na frente com botões também de veludo. Os modelos de cima são em lã bem leve, um com a saia em pregas e outro com barra e gola de lã.

Para modificar seu tailleur ou dar um novo toque em sua sweater, damos aqui sugestões para o uso de seus lenços de seda ou suas echarpes vistosas

# ENXOVAL



Angela Cataldo e Armando Simões, ficaram noivos no dia 27 de março. Que sejam felizes

**Angela:**  
Assistimos a sua festa de noivado. Estamos ao seu lado com todos os amigos do bairro de Santo Cristo. Sentimos que começou uma vida diferente para você. Agora tudo se transforma — a maior preocupação

é o casamento. Como vai ser a sua nova vida? Uma casa pequena e alegre, ou um quarto mobiliado de novo, com cortinas transparentes e panos floridos? Queremos falar no seu enxoval.

Antigamente, as noivas fica-

vam tristes quando não tinham possibilidades para colecionar dúzias de roupas cuidadas para serem mostradas às amigas. Mesmo, as mais modestas, ficavam meses à fio, fazendo bordados, pregando rendas, cozendo vestidos, etc. Hoje, a vida não coopera com os exagerados sonhos das moças. Há uma realidade mais presente e tudo se processa com certa simplicidade.

Como vai ser o seu enxoval? Algumas roupas mais cuidadas, bordadas por você, não é verdade? Então veja o que sugerimos — um jogo bordado à mão. Aproveite os nossos modelos e o nosso risco e não esqueça que os bordados compõem uma aplicação com outro tecido, ficam muito delicados. Um jogo de seda, e alguns outros tecidos mais modestos. É mais prático fazer as camisolas para o uso diário, em opala estampada ou lisa com rendas: compridas e com decorações sugestivas. As combinações de jersey são muito práticas e não atingem preços exagerados.

As calcinhas por exemplo, podem ser feitas com pequenos retalhos e podem ficar graciosas por preço razoável. Os nossos modelos dão uma idéia da costura confeccionada.

Os vestidos também podem ser em um número acessível. O de noiva, sim, vai preocupar mais. Em um número próximo daremos alguns figurinos.

Os outros, você, encontrará sempre em nossas páginas. Não esqueça de que um vestido preto é indispensável a uma senhora.

Outro problema que preocupa às noivas é a "Colcha do dia". Idealizamos a sua, nesta página. Compre um gergório de seda na cor que preferir — sugerimos rosa. Exe-

Esta colcha tem muito efeito quando as cores formam uma combinação feliz. Em tons mais escuros é bastante durável. Verde garrafa ou grenat — são tons mais práticos para o uso diário.



Os desenhos com flores são muito decorativos e devem contrastar com a cor do tecido.

ute o nosso modelo: um lindo risco com flores que podem ser bordados em fita, estudadas as combinações de cores. Em volta pregue um grande babado franzido como na figura. Creia que terá uma colcha para a admiração de suas amigas... e o que é mais importante do seu noivo.

Comece o seu trabalho desde já, para ficar tudo pronto na hora certa, sem afobação.

Desejamos que você receba muitos presentes de suas amigas e que irradie sua felicidade tornando o seu ambiente doce e feliz.

Receba junto com Armando o nosso abraço.

MARIA CLARA

TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL  
CLÍNICA E CIRURGIA DE SENHORAS

**DR. CAMPOS DA PAZ FILHO**

Ginecol. da CAP da Light — Laureado pela Academia Med. — Consultas com hora marcada — Edifício Carioca, sala 218 — às 16 horas — Tel. 42-7550

**Geléias Louise Alderson**

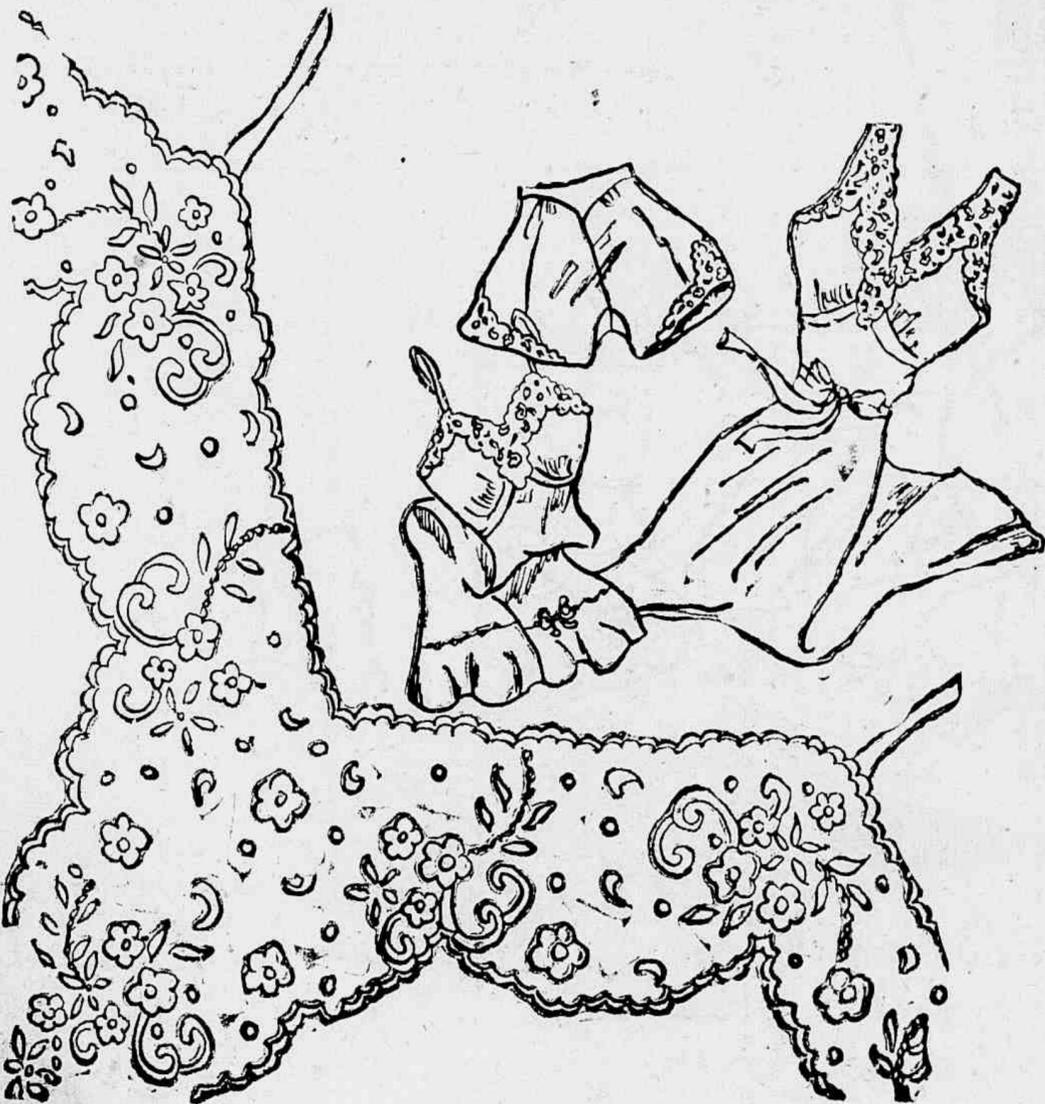
As melhores geléias, feitas de frutas frescas



Rico alimento para as crianças — Saboroso e nutritivo presente para as pessoas enfermas

A VENDA EM TODAS AS CONFEITARIAS E ARMAZENS DE 1.ª ORDEM

Fábrica: — RUA EMILIA SAMPAIO, 92  
Telefone: 38-3030 — Rio



Continuou o caminho, horrorizada, percebendo que os homens estavam parados, provavelmente olhando-a por trás, e até ouviu uma risada-alta. De repente ocorreu-lhe que eles poderiam tê-la julgado uma idiota. Tom lhe tinha dito que os seus cabelos cortados lhe davam um ar de idiota, e esse pensamento lhe era demasiadamente doloroso para ser prontamente esquecido. Além disso, seu vestido não tinha mangas e ela estava de capa e touca. Era claro que não estava bem para produzir uma impressão agradável aos que passavam, e a menina pensou em continuar pelo campo novamente, porém não pelo mesmo lado da ponte, que podia ser propriedade do tio Pullet.

Voltou para a primeira porteira, que não estava fechada, e sentiu uma deliciosa sensação de solidão ao aproximra-se da sebe de arbustos, depois da sua recente humilhação.

Sempre costumava vagar pelos campos, sozinha, e por ali tinha menos medo do que na estrada real. Algumas vêzes tinha de saltar cêrcas altas, mas isso era pequeno contratempo. Estava já muito longe de alcance e poderia em breve chegar sem ser vista a Dunbow Common, ou a outro qualquer acampamento, porque tinha ouvido o pai falar que não se podia andar muito sem chegar a um acampamento de ciganos. Ela assim esperava, porque estava ficando cansada e com fome, e até que alcançasse os ciganos não havia probabilidade alguma de achar pão com manteiga. Era ainda dia claro, porque a tia Pullet conservava os hábitos da família Dodson, e tomava chá às quatro e meia pelo relógio de sol, e às cinco pelo da cozinha.

Assim, a-pesar-de haver uma hora quase que Maggie caminhava, não havia sombras no campo, para lhe lembrar que a noite estava chegando. De fato, parecia-lhe que já tinha andado uma grande distância e estava realmente surpreendida que o acampamento ainda não estivesse à vista.

Até agora tinha estado na rica paróquia de Garum, onde havia uma grande extensão de pastos, e somente viu um trabalhador à distância. Isso era agradável, sôbre certo ponto, porque os trabalhadores geralmente eram ignorantes e não compreenderiam a razão de seu desejo de chegar a Dunbow Common. Seria tão bom se ela tivesse encontrado alguém que lhe mostrasse o caminho, sem querer saber coisa alguma sôbre os seus negócios particulares! Finalmente os campos verdes chegaram a um limite, e Maggie encontrou-se olhando pela

abertura de uma cerca para dentro de uma propriedade que tinha uma larga margem de grama de cada lado. Nunca tinha visto uma terra tão vasta. E sem saber porque, teve a impressão de que o acampamento não estaria muito longe dali. Talvez fosse porque viu um burro, com uma cesta aos pés e comendo os capins do caminho, porque e a havia visto uma vez um burro como aquele, carregado daquele jeito, em Dunbow Common quando passou por lá no carro do pai. Atravessou pelas grades da cerca e continuou o caminho com novas forças, sem pensar em nenhuma das importunas figuras de Apolos e de gigantes com pistolas, e de anões minúsculos vestidos de amarelo, com uma boca que ia de uma orelha à outra, e outros perigos semelhantes. Porque a pobre e pequena Maggie tinha a timidez de uma imaginação ativa e a coragem de um impulso dominado. Atirava-se à aventura de descobrir seus queridos desconhecidos, os ciganos. E agora se encontrava naquelas terras estranhas, dificilmente arriscando um olhar para o lado, com medo de ver algum ferreiro diabólico, com o seu avental de couro, arreganhando os dentes para ela, com os braços arqueados. Não foi sem um pulo no coração que lançou a vista para um pequeno par de pernas nuas e móveis, os pés num plano superior, ao lado de um outeirinho. Parecia-lhe alguma coisa horrivelmente sobrenatural — uma qualidade diabólica de cogumelo. Ela estava muito agitada para ver à primeira vista as roupas esfarrapadas e a cabeça hirsuta e escura repousando sobre elas. Era um menor adormecido. E Maggie afastou-se logo, depressa, com medo de acordá-lo. Nem lhe ocorreu que êle fosse um dos seus amigos ciganos, que com tôdas as probabilidades devia ter boas maneiras. O fato é que, na outra volta do caminho, Maggie viu a tenda escura e semicircular, com uma fumaça azul se elevando na frente, que ia ser o seu refúgio, livrando-a de tôdas as censuras e brigas que a perseguiam na vida civilizada. E também viu uma figura feminina muito alta, pela coluna de fumaça — sem dúvida a cigana-mãe, que providenciava sobre o chá e outras guloseimas; era curioso, para ela, que não se sentisse satisfeita. Mas era aterrador o fato de encontrar ciganos dormindo na terra e não num acampamento — isso era positivamente desapontador! Porque um misterioso acampamento onde houvesse um morro para ocultá-lo, pondo-o fora do alcance de qualquer pessoa, tinha sempre feito parte da fantasia de Maggie sobre a vida cigana. Ela foi seguindo, e pensando, com algum conforto, que os ciganos não entendiam nada sobre idiotas, e assim não ha-

veria perigo que caíssem no erro de a considerarem, à primeira vista, como uma idiota. Era evidente que tinha atraído a atenção, porque a mulher alta, que agora via ser uma moça com uma criança nos braços, veio vagarosamente ao seu encontro. Maggie olhou para a nova fisionomia, tremendo um pouco, quando esta se aproximava. Estava achando que a tia Pullet e os outros tinham razão quando a chamavam de cigana, porque aquele rosto, de olhos pretos que brilhavam e de cabelos compridos, era realmente, parecido com o que ela costumava ver no espelho antes de cortar o cabelo.

— Onde vai, minha menina? perguntou a cigana, numa voz de interessada deferência.

Era delicioso; e justamente o que Maggie esperava.

Os ciganos viam então que ela era uma pequena dama, e estavam dispostos a tratá-la de acordo com a sua categoria!

— Para nenhum lugar, disse Maggie, sentindo como se estivesse dizendo o que tinha ensaiado num sonho. — Eu vim para ficar com vocês, por favor.

— Muito bem! Venha então. Mas como você é linda, de verdade! disse a cigana tomando-a pela mão. Maggie achou-a muito agradável, preferindo contudo que não estivesse tão suja.

Havia um grupo em redor do fogo, quando elas apareceram. Uma cigana velha estava sentada no chão, abanando os joelhos e de vez em quando introduzia um espeto de pau dentro da caldeira redonda que exalava um vapor cheiroso. Duas pequenas cabeças juntas, de crianças que estavam deitadas, curvadas sobre os cotovelos, pareciam pequenas esfinges, e um plácido jumento inclinava a cabeça sobre uma rapariga alta que, deitada de costas, coçava o seu focinho e presenteava-o com um bom bocado de excelente feno roubado. Os raios oblíquos do sol caíam bondosamente sobre eles e a cena era realmente bela e confortável. Maggie pensava somente na esperança de que eles pusessem logo para fora as chicaras de chá. Tudo seria mais encantador quando ela tivesse ensinado aos ciganos que usassem uma bacia de banho e se interessassem pelos livros. Era um pouco inquietante que a moça começasse a falar com a velha numa linguagem que Maggie não compreendia, enquanto a rapariga alta, que alimentava o burro, levantou-se e encarou-a sem nenhuma saudação. Afinal a velha disse:

— Então, minha linda menina, você veio para ficar conosco? Sente-se aqui e conte-nos de onde você vem.

Era justamente como uma historia. Maggie gostava que lhe chamassem de linda menina, e que a tratassem daquela moço. Sentou-se e disse :

— Venho de casa, porque era infeliz, e quis virar cigana. Ficarei morando com vocês, se me deixarem, e lhes ensinarei muitas coisas.

— Que menina esperta, comentou a moça com o menino, sentando-se perto de Maggie, e deixando a criança engatinhar — e que bonitos a touca e o vestido! — juntou ela, tirando a touca de Maggie e examinando-a, enquanto fazia uma observação para a velha, na tal linguagem desconhecida. A rapariga alta pegou o chapéu e colocou-o na cabeça, com um trejeito. Mas Maggie estava determinada a não mostrar nenhuma maldade, e fez como se não estivesse aborrecida por causa da touca.

— Não quero usar chapéu, — disse ela — prefiro um lenço vermelho como o seu, (e olhou para a companheira do lado). Meus cabelos eram muito compridos, até ontem, quando os cortei, mas eu sei que eles crescerão logo — acrescentou achando que as ciganas deviam ter um forte preconceito a favor dos cabelos compridos. E Maggie esqueceu-se até da fome, naquele momento, com o desejo de se conciliar com a opinião dos ciganos.

— Oh, que linda menina! — e rica, estou certa, disse a velha — Você não mora numa bonita casa ?

— Sim, minha casa é linda, e sou louca pelo rio, onde vamos sempre pescar, mas muitas vezes sou infeliz. Eu gostaria de ter trazido meus livros comigo, mas sai com muita pressa, a senhora compreende. Mas eu posso contar-lhes quas tudo o que há em meus livros, porque li-os muitas vezes, e isso os divertirá. Posso também dizer-lhes alguma coisa sobre geografia — isto é, sobre o mundo que vocês habitam — muito útil e interessante. Já ouviram falar em Colombo ?

Os olhos de Maggie começaram a brilhar e as faces a corar. Ela se via realmente começando a instruir os ciganos e a ganhar grande influência sobre eles. Os ciganos não deixavam de estar espantados com aquela conversa, embora a atenção estivesse desviada para o conteúdo dos bolsos de Maggie, o qual a amiga ao lado direito tinha a esse tempo esvaziado, sem que ela notasse.

— E' onde você mora, minha mocinha ? inquiriu a velha, referindo-se a Colombo.

— Oh, não, respondeu Maggie, com pena. Colombo foi um homem admirável que descobriu a metade do mundo; prenderam-no com correntes e trataram-no muito mal, fique sabendo — isso está no meu livro de His-

tória — mas talvez seja muito longo para contar-lhes antes do chá. Tenho tanta vontade de tomar chá!

Estas últimas palavras partiram de Maggie sem querer, vindas como repentina modificação de sua protetora instrução, como demonstração de mau humor.

— Pobrezinha, ela está com fome! disse a mais moça das mulheres. — Dê-lhe alguma comida fria. Você andou um bom pedaço, minha querida? Onde é sua casa?

— E' no moinho Dorlcote — bem longe daqui, ensinou — Maggie. — Meu pai é o sr. Tulliver; mas não devemos deixa-lo saber onde estou, senão me levará para casa novamente. Onde mora a rainha dos ciganos?

— O que? você quer vê-la, minha senhorinha? perguntou a mulher jovem. A menina alta estava constantemente encarando Maggie e fazendo caretas. Seus movimentos não eram, naturalmente, nada agradáveis.

— Não, respondeu Maggie. Estava só pensando que se ela não fôsse uma rainha muito boa, vocês ficariam alegres quando morresse, e poderiam escolher uma outra. Se eu fôsse rainha, havia de ser muito boa, e benfazeja para todo mundo...

— Aqui está um pouco de comida, ofereceu a velha, dando a Maggie um bocado de pão sêco, que tirou de um saco de restos, e um pedaço de carne fria.

— Muito obrigada, disse Maggie olhando para o alimento, sem pegá-lo. — Podem me dar pão com manteiga e chá, ao invés disso? Não gosto de carne.

— Não temos chá nem manteiga, respondeu a velha, com uma espécie de carranca, como se já estivesse cansada de adular.

— Bom, então um pãozinho com doce pode servir, aquiesceu Maggie.

— Não temos doces!

A velha estava de mau humor. Seguiu-se um diálogo rude, entre as duas mulheres, na linguagem desconhecida, e uma das pequenas esfinges, arrebatando o pão com carne, começou a comê-lo.

Nêsse momento a rapariga alta, que se havia afastado alguns metros voltou e disse alguma coisa que produziu um efeito forte. A velha pareceu esquecer-se de Maggie com sua fome enfiou um espêto dentro da panela e m mais vigor, e a mais moça deslizou pela tenda e apanhou alguns pratos e colheres.

Maggie tremia um pouco, e estava com medo que as lágrimas lhe aparecessem nos olhos. Enquanto isso a rapariga alta deu um grito e correu para o menino que Maggie tinha visto dormindo quando passou — um ga-

rôto insolente, da idade de Tom. Ele encarou a menina desconhecida, começando num palavreado incompreensível. Maggie sentia-se muito isolada, e estava quase certa de que começaria a chorar, dali a pouco. Os ciganos pareciam não pensar absolutamente nela, de maneira que se sentia inteiramente só, entre êles. Mas a torrente de lágrimas foi reprimida por um novo terror, quando entraram dois homens, cuja aproximação tinha causado aquela excitação repentina. O mais velho dos dois carregava um saco que atirou ao chão, dirigindo-se às mulheres numa voz alta e grosseira, à qual elas responderam em falsete com uma porção de insolências, enquanto um cão preto avançou latindo para a menina, deixando-a a tremer, até que o homem gritou com o cão e deu-lhe uma pancada com um grande pau que trazia. Maggie sentia que era impossível que chegasse a ser a rainha de tal gente, ou lhes transmitisse alguma ciência interessante e útil.

Ambos os homens pareciam inquirir agora sobre a menina, porque olhavam para ela, e o diapasão da conversa se modificou para uma entonação pacífica, mostrando curiosidade de um lado e o poder de satisfazê-la do outro. Afinal a jovem disse no velho tom adulator:

— A linda menina veio para morar conosco. Estão contentes?

— Oh, muito contentes, disse o mais moço, que olhava para o dedal de prata e outros pequenos objetos que encontraram no seu bolso. Devolveram tudo, exceto o dedal de prata, para a jovem cigana, com uma observação, e ela imediatamente pôs os objetos no bolso de Maggie, enquanto os homens se sentavam e começavam a atacar o conteúdo do caldeirão, — um guisado de carne e batatas — que tinham tirado do fogo e pôsto num prato amarelo.

Maggie começava a achar que Tom tinha razão a respeito dos ciganos. Eles certamente eram ladrões, a menos que o homem devolvesse o seu dedal de prata imediatamente. De bom grado ela o teria oferecido, porque não lhe era muito apegada; porém a idéia de se encontrar entre ladrões a impedia de sentir algum conforto na recordação da deferencia e atenção que lhe tinham dispensado.

Todos os ladrões, exceto Robin Hood, eram maus. As mulheres logo viram que ela estava amedrontada.

— Nós não temos nada apropriado para uma moçinha comer, disse a velha adulando. E ela está com tanta fome, essa querida menina!

— Tome, minha querida, tome se quer comer um pouco disso, ofereceu o moço, pondo um pouco do guisado num prato escuro com uma colher de ferro, e dando-o a Maggie, que, lebrando-se de que a velha tinha ficado zangada por ela não gostar do pão com carne, resolveu não recusar o guisado, a-pesar-do mêdo lhe haver tirado o apetite.

Se seu pai pudesse vir no carro para buscá-lo! Ou mesmo se "Jack, o Gigante Matador", ou "Ricardo, o Coração de Leão", ou São Jorge, que matou o dragão, pudessem pasasr por ali! Porém Maggie pensava, com o coração apertado, que êsses heróis nunca tinham sido vistos nas proximidades de St. Ogg's, e que nada de muito admirável chegara até lá. Maggie Tulliver não era como essas mães que lêem e sabem, de oito e nove anos, dos nossos dias. Tinha estado sómente um ano na escola de St. Ogg's, e tinha tão poucos livros, que às vêzes lia o dicionário; assim, misturados no seu pequeno espírito, se encontravam a mais simples ignorância e os mais inesperados conhecimentos. Ela podia informar que havia uma palavra como poligamia e outra como poli-silábica, e daí tirava a conclusão de que poli queria dizer muitas. Mas não imaginava que os ciganos não eram providos de gulodices, e que os seus pensamentos eram a mais rara mistura de esperteza e fantasia.

Suas idéias sôbre os ciganos tinham passado por uma rápida modificação nos últimos cinco minutos. Depois de os ter considerado companheiros respeitáveis, sujeitos à instrução, começava agora a imaginar que pensavam em matá-la logo depois que anoitecesse, e em cortar o seu corpo para os sucessivos cozidos. Atravessou-lhe o espírito a suspeita de que o homem de olhos penetrantes era o diabo, que tomava um disfarce para cada momento, e que podia se transformar no ferreiro ou num monstro de olhos de fogo, com asas de dragão. Não procurava comer o guisado, mas tinha mêdo de ofender os ciganos, demonstrando sua opinião desfavorável sôbre êles; e temia, com uma agudeza de observação que nenhum teólogo poderia exceder, que se o diabo estivesse realmente presente, êle soubesse de seus pensamentos.

— Como! Você não gosta disso, minha cara? — indagou a jovem, observando que Maggie não comera nem uma colherada do ensopado. Experimente um pouco, vá!

— Não, obrigada, disse Maggie, reunindo tôdas as suas fôrças, num desesperado esforço, e procurando sorrir dum modo camarada: — Agora não tenho tempo, parece que está anoitecendo. Acho que tenho que ir para

casa, e voltar um outro dia novamente. Então vou trazer-lhes uma cesta com tortas de geléia e outras coisas.

Maggie levantou-se do lugar quando terminou esse programa ilusório, esperando ansiosamente que eles acreditassem. Mas sua esperança se desfêz, quando a velha cigana disse :

— Espere um pouco, minha pequena, nos a levaremos para casa sã e salva, quando acabarmos de comer. Você deverá voltar para casa como uma dama. — Maggie sentou-se outra vez, com pouca esperança no cumprimento daquela promessa, não viu a rapariga alta pôr as rédeas no burro, e um par de sacos nas costas do animal.

— Agora, linda senhorita, disse o homem mais moço, levantando-se e conduzindo o burro para fora, conte-nos onde você mora; como é o lugar ?

— No Moinho Dorlcote é que é a minha casa, disse Maggie arrebatadamente. Meu pai é o sr. Tulliver, êle mora lá.

— O que? Um moinho grande, do lado de St. Ogg's ?

— E', disse Maggie. E' muito longe? Gostaria de ir para lá, agora, faça o favor.

— Não, não é longe, mas está escurecendo, precisamos nos apressar. O burro levará você o melhor possível, você vai ver.

Ela sentiu um alívio que não fôsse o velho que a acompanhasse, mas tinha apenas uma trêmula esperança de ir realmente para casa.

— Aqui está o seu lindo chapéu, disse a mais moça das mulheres, pondo aquele objeto há pouco desprezado, mas agora benvindo artigo da moda, na cabeça de Maggie; — Você vai dizer que nós fomos muito bons, e dissemos que você era bonita, não é ?

— Vou, sim, obrigada. Agradeço-lhes muito, mas desejava que você fosse comigo também.

Ela achava que tudo era melhor do que ir sózinha com um homem horroroso daqueles. Seria mais agradável ser assassinada numa reunião maior.

— Ah, você gostou de mim ? Mas não posso ir junto, é muito longe para eu ir agora.

Parecia que o homem também ia sentado no burro, segurando Maggie no colo, e a menina era tão incapaz de se mostrar contra esse arranjo como o próprio burro, a-pesar-de pensar que nenhum pesadelo poderia ser mais horrível.

Quando a moça a havia ajudado a subir à garupa e disse "adesu", o burro, a uma estocada do homem, saiu num passo rápido pelo caminho que Maggie tinha atra-

# CINEMA



"O cavalo 13" um filme nacional dirigido por Fernando de Barros, com Maria Della Costa, Orlando Vilar, Manoel Vieira, Silva Filho, Zé Trindade e Hortencia Santos. É uma produção da Kanitar Filme



## SORVETES... SORVETE DE SUCO DE GROSELHAS

Toma-se 1 quilo de groselhas bem maduras. Ferve-se em fogo vivo. Torce-se em guardanapo, para tirar-lhe o suco. Mistura-se a 3/4 de litro de calda de açúcar em ponto de espelho e leva-se à sorveteira.

## SORVETE DE LIMÃO

Ponha numa terrina a resma de 3 limões e o suco de 6. Misture a isso 3/4 de litro de calda de açúcar em ponto de espelho. Deixe 1 hora de infusão. Passe tudo da peneirinha e leve à sorveteira.

## FESTAS



Stellinha e Walter Paula dos Santos, nossos amigos tiveram a alegria de festejar no dia 16 de abril p.p. o aniversário de seus filhinhos, Reginaldo de 14 anos e Edison de um ano, crianças bonitas e sadias.

Foi uma festa alegre como todas as festas de aniversário: os presentes choveram,



## UM DEPOIMENTO

O "Momento Feminino" é uma revista que para o lar não podia haver melhor. É uma revista de casa, posso afirmar isto porque na minha casa todos se interessam por esta Revista. Não devemos nunca deixar de ser leitoras de tão apreciada Revista. É uma Revista que não só trata dos assuntos referentes as donas de casas mas a todas mulheres brasileiras.

Assinado — Anibal Augusto Sardinha, "Garoto".

# GRAFOLOGIA

GILDA

### Guimasilva

Uma grande melancôlia, embora suavíssima, torna sombrio o seu temperamento que é sentimental, afetivo ao extremo e intensamente ardente. Bons sentimentos e delicadeza extraordinária. É ambiciosa, diligente, muito ciosa de seu bom nome, corretíssima no cumprimento de seus deveres. Pouca independência de pensamento, receios infundados da liberdade... Não é rancorosa, mas nunca perdoa o mal que lhe fazem.

### Turquina

Sua inteligência poderia expandir-se muito mais, porque é grande e brilhante. Todavia, por enfermidade ou qualquer outro motivo não se tem manifestado em toda plenitude. É calma e serena. Muito sensata. Mas pouco hábil para a dissimulação. Muito leal, mas um tanto egoísta... Seu sentimentalismo tem sido cerceado pela experiência da vida prática, mas tem um grande romance no coração, que lhe conforta a solidão afetiva em

...vem vivendo, uma moçada de cheia de sonhos desfeitos...

### Lindo

Trata-se de um extraordinário batalhador, intímido, infatigável e persistente. Muito impulsivo, entretanto, genioso e malcriado, também (desculpe a franqueza). Ciumertíssimo e exageradamente "vigilante", em torno do objeto de seu amor. Imprudente, algumas vezes, chega a ser indiscreto. Mas, é realmente honesto e fiel aos seus ideais. Afetivo e carinhoso, inteligente e culto, sua tendência é científica, embora seja também sensível às artes.

os papás estavam rábidos, os amiguinhos compareceram e os aniversariantes só desejavam fazer anos todos os dias.

## O PETROLEO É NOSSO

BRASIL — O povo brasileiro defende uma de suas maiores riquezas que é o petróleo, das garras do governo americano que pretende explorá-lo. Realizam-se, não só na capital da República como em vários Estados, grandes movimentos populares de apoio à tese do general Horta Barbosa.

## MOMENTO FEMININO

Diretora:  
ARCELINA MOCHEL

Gerente:  
LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:  
AV. RIO BRANCO, 257  
Sala 715 — C Postal 2013  
Rio de Janeiro

Número Avulso. Cr\$ 1,00  
Atrasado ..... Cr\$ 2,00

### A LETRA REVELA A PESSOA!

PEÇA UM RETRATO GRAFOLOGICO

Nome .....

Pseudônimo .....

Inclua uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO

### Boavida

Aqui temos um grande negociante, que Deus permita não seja partidário do câmbio negro! É capaz de realizar operações astutas com inteligência e argúcia digna de um grande cartaz em Wall Street! (puxa!) Todavia, é muito honesto, e seus negócios geralmente não visam sua economia particular, de vez que não tem absolutamente tendência para enriquecer. É muito altruista e bom amigo dos seus amigos. Generoso, amável embora, também, seja algumas vezes impetuoso nas manifestações de revolta. É romântico, muito delicado de sentimentos, e talvez seja também, um poeta.

LUIZ WERNECK DE CASTRO

ADVOGADO

Rua do Carmo, 49 - 2.º - Sala 2. — Diariamente, de 12 às 13 e 16 às 16 horas.  
Exceto aos sábados  
— Fone: 23-1064 —

### ADVOGADA

## ARCELINA MOCHEL

Inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil  
sob o n.º 5.423

Escritório:  
RUA WASHINGTON LUIZ, 32, 2.º — Tel. 23-4295



## REVISTAS DE VARIOS PAISES

Cultura Política — Filosofia — Ciência

Pedidos pelo Reembolso Postal

## EDITORIAL VITORIA LTDA.

Rua do Carmo 6, 13º andar, sala 1.306, Rio



Especialidade em Roupas de senhoras e enxoval para casamento e batizados

## JOAQUINA ELIAS

MODISTA

Rua Dagmar da Fonseca n.º 110 — Ap. n.º 103 — Madureira — Rio

# tricot



Apresentamos dois lindos modelos para o nosso "tricot". Vejamos o primeiro: Um modelo muito simples e próprio para as modernas

saias compridas. Precisamos de um par de agulhas número 8, 6 novelos de lã de 50 gramas. Sugerimos um tom pastel e aconselhamos certo cuidado na escolha da lã, que deve ser bem macia. Passemos à receita:

## FRENTE

Montar 120 malhas e fazer 17 cms. de sanfona (um avesso e um direito — ou um liso e um de meia) diminuindo 1 malha de 8 em 8 carreiras. A 10 cms. arrematar 22 malhas de cada lado para os bolsos. Fazer uma banda de 22 malhas e medindo 10 cms. de comprimento. Para fazer o interior dos bolsos retomar em seguida as 22 malhas e continuar o ponto de sanfona 7 cms. Fazer em seguida 35 cms. de ponto de meia aumentando uma malha de 8 em 8 carreiras. Para a cava diminuir sucessivamente 5, 3 e 2



malhas e 2 vezes 1 malha. Fazer em seguida 10 cms. de meia e continuar até os ombros com o mesmo ponto de sanfona.

Para a cava diminuir sucessivamente 5, 3 e 2 malhas e 2 vezes uma malha. Fazer em seguida 10 cms. de meia e continuar até os ombros com o mesmo ponto de sanfona. Diminuir de cada lado 12 malhas em 3 vezes para formar o ombro. Arrematar de uma vez as malhas que ficarem para formar o decote.

## COSTAS

Montar 100 malhas e fazer o ponto de sanfona até 17 cms. diminuindo uma malha em todas as carreiras. Em seguida continuar fazendo o ponto de meia até 35 cms. aumentando uma malha de 8 em 8 carreiras, quer dizer até à cava.

Diminuir de cada lado 3 malhas, 2 vezes duas malhas e 3 vezes 1 malha. Continuar o ponto de meia 10 cms. e continuar com a sanfona aumentando 1 malha de 8 em 8 carreiras até os ombros. Arrematar em 3 vezes, 12 malhas de cada lado para formar os ombros e arrematar de uma só vez as malhas que sobram.

## MANGAS

Montar 51 malhas e fazer ponto de sanfona até uma altura de 7 cms. Continuar com o ponto de meia aumentando 1 malha de cada lado todas as carreiras até atingir a altura da cava. Diminuir em seguida 5 e 3 malhas e 2 vezes 1

malha de cada lado; depois 1 malha de cada lado; depois 1 malha de 2 em 2 carreiras até 12 cms., diminuindo em seguida 1 malha todas as carreiras e arrematar em 3 vezes todas as malhas que sobram.

Montar 100 malhas e fazer o ponto de sanfona até 17 cms. diminuindo uma malha em todas as carreiras. Em seguida continuar fazendo o ponto de meia até 35 cms. de comprimento.

Diminuir de cada lado 12 malhas em 3 vezes para formar o ombro. Arrematar de uma vez as malhas que ficarem para formar o decote.



O segundo modelo ainda é mais simples para ser executado. É um trabalho a três cores: vermelho, marrom e branco; azul, branco e marinho, etc. Não tem mangas e o arremate da cava deve ser executado como na nossa receita do número anterior. É trabalhado em um só ponto e de preferência em ponto de meia.

A receita do primeiro modelo (frente e costas) serve para a contagem dos pontos.